

Senado, um palco solitário para os debates políticos

VILELA MAGALHÃES
Da Sucursal de BRASÍLIA

O grande e talvez único centro de debates dos problemas políticos brasileiros foi, neste ano, o plenário do Senado Federal, que registrou alguns momentos de tensão e, ao mesmo tempo, significativos. A própria sorte do Poder Legislativo figurou nesses debates com um percentual bastante razoável, embora todas as discussões ali suscitadas possam ter apresentado, como pano de fundo, o desequilíbrio que favorece o Executivo nas três esferas constitucionais de poderes.

Será por isso, dentro dessa preocupação, que o presidente do Senado, Magalhães Pinto, no seu discurso alusivo ao encerramento do período legislativo, esta manhã, vai procurar a re colocação das pedras em seus devidos lugares, com uma incisiva manifestação de esperança no futuro do Parlamento. Sem meias palavras, Magalhães traduz essa expectativa indicando a construção de um novo arcabouço para a solução definitiva dos problemas institucionais. A interpretação mais clara, a respeito, é que, direta ou indiretamente, o Senado contribuiu, com os debates travados em seu plenário, para a estruturação desse arcabouço, hoje necessário para superar as resistências dos que preferem situar o Legislativo em posição inferior ou, inversamente, colocando o executivo numa moldura nova e com letreiros indiscutíveis de "poder forte para os tempos modernos".

Preocupados com a tentativa de localizar saídas mais claras para os problemas políticos do momento, o Senado tentou inicialmente uma definição para a distensão, anunciada pelo presidente da República como condicionante imposta no caminho do retorno à normalidade democrática. Aos poucos, porém, percebeu-se que uma definição desse tipo não teria qualquer validade, a não ser o atendimento de um mero capricho

de semântica. Percebeu-se também que a distensão estava sendo praticada, simultaneamente com a difícil tarefa de construir o arcabouço destinado a sustentar futuras reformas ou soluções políticas adequadas à realidade brasileira.

De qualquer forma, como lembra Magalhães Pinto, a distensão não pode ser aceita como mera concessão, na mesma medida em que para a sua eficácia passaram a ser exigidas grandezas e seriedade nos debates, teses sem dúvida oferecidas pelo Senado Federal ao longo do ano legislativo. Com isso, foi possível traçar, em seu plenário, algumas das linhas mestras do arcabouço a que faz referência o presidente da Casa.

No balanço final, conclui-se que o Senado não chegou a adotar a postura de resistir aos fatos deformadores da estrutura institucional, preferindo, antes, optar por uma conduta destinada ao convencimento da validade das instituições autônomas e independentes e da necessidade, daí decorrente, da revitalização dos pontos enfraquecidos.

Não aceitando muitas das teses criadas pelo atual quadro, o presidente do Senado poderá em seu discurso desta manhã interpretar o pensamento da maioria de seus pares, para recusar a premissa de que o desenvolvimento é apenas de ordem econômica. O fato econômico é, segundo essa interpretação, um fato eminentemente político, reclamando por isso a contribuição do Parlamento na tarefa de formular as melhores soluções para o País.

Em consequência disso, os temas econômicos também ocuparam boa parte dos debates durante o ano legislativo, a começar pela controvérsia aberta nos meios governamentais e junto ao empresariado a respeito da estatização e da desestatização. As discussões suscitadas procuram, da parte da oposição ou da maioria, situar as teses dentro de um enfoque em que a prioridade coube aos desdobramentos políticos.

ESTADO DE SÃO PAULO
05 DEZ 1976